

Metodologia para Aplicação do Modelo de Representação do Sistema Comportamental do Indivíduo

Representação do indivíduo em suas relações - maior compreensão do seu comportamento e dos que com ele se relacionam

Carlos Augusto Riscado Chaves

cariscado@gmail.com – (21) 2715-1563, (21) 9617-4951

Resumo: este artigo apresenta uma visão geral da Metodologia para utilização do Modelo que representa o Sistema Comportamental do Indivíduo e mostra a importância da sua aplicação e, bem como, apresenta em linhas gerais a perspectiva de desenvolvimento de um novo perfil de pessoa. Este indivíduo (pessoa) deverá entender como se dá e se faz a sua vida de relações e, também, ser educado em outro modo, diferente daquele usualmente aplicado, onde se irá procurar focalizar a busca pela harmonia das suas relações (relações do indivíduo com ele mesmo – abordando o seu mundo interno - e com o meio circundante – abordando o seu mundo externo –). Quando, alcançando este objetivo, certamente, conseguirá melhor existência, neste novo ambiente de trabalho e vida, onde as inovações estão cada vez mais presentes.

1. Introdução

O presente artigo visa apresentar a metodologia a ser utilizada objetivando aplicação do Modelo exposto nas publicações “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 1”, “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 2” e “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 3”.

Ao longo do desenvolvimento deste artigo serão definidos alguns novos conceitos e, bem como, outras explicações complementares abordando considerações já anteriormente exibidas em outras publicações abordando a pesquisa realizada que produziu o Modelo em questão.

Irei procurar discorrer, sobre a metodologia, partindo de uma visão geral, de sua aplicação, e, em sequência, abordar os passos específicos para cada etapa de sua utilização.

Assim, seguindo este princípio, a presente publicação foi organizada em 2 seções, a saber:

1. Visão Geral da Metodologia para Utilização do Modelo;
2. Consolidando o Entendimento da Aplicação do Modelo e da Metodologia.

A primeira seção expõe a concepção geral da Metodologia, abordando a sua estrutura via a identificação e descrição dos vários processos usados em sua aplicação.

Os principais tópicos tratados nesta seção são:

- Arquétipo de Ser Pretendido pelo Indivíduo – Etapa 1;
- Modelo Funcional do Comportamento do Indivíduo – Etapa 2;
- Identificação das Virtudes e Carências Comportamentais do Indivíduo – Etapa 3;
- Recompensas e Estímulos – Etapa 4;
- O Indivíduo e o Ambiente – Etapa 5.

A segunda seção visa consolidar o entendimento e mostrar a importância da aplicação da Metodologia e, bem como, apresentar, em linhas gerais, a perspectiva de desenvolvimento de um novo perfil de pessoa. Este indivíduo (pessoa) deverá entender como se dá e se faz a sua vida de relações e, também, ser educado em um outro modo, diferente daquele usualmente aplicado, onde se irá procurar focalizar a busca pela harmonia destas relações (relações do indivíduo com ele mesmo – abordando o seu mundo interno - e com o meio circundante – abordando o seu mundo externo –). Alcançando este objetivo, certamente, conseguirá melhor existência, neste novo ambiente de trabalho e vida, onde as inovações estão cada vez mais presentes.

2. Visão Geral da Metodologia para Utilização do Modelo

“Palavras de Einstein: (o ser humano) experimenta a si mesmo, seus pensamentos e sentimentos, como algo separado do resto – uma espécie de ilusão de óptica de nossa consciência. Essa ilusão é uma espécie de prisão para nós, restringindo-nos aos nossos desejos pessoais e à nossa afeição a algumas pessoas mais próximas. A nossa tarefa deve ser de nos libertar dessa prisão ampliando nosso ciclo de compaixão, a fim de abraçar todas as criaturas vivas e a natureza em toda a sua beleza...”. (SENGE, 2005).

No texto acima, Einstein nos alerta para a necessidade que temos de nos libertar desta prisão interna, que normalmente nos impomos, a qual dificulta ou, até mesmo, nos impede de ser um indivíduo senhor de comportamento e relacionamento mais amplo.

A ideia é poder atuar de modo consciente, de acordo com os valores que vamos criando, os quais constantemente devemos estar revendo e evoluindo, em sintonia com os conhecimentos que vamos agregando em nossa vida de relações.

Com esta visão, desenhei o esquema da figura 15, abaixo, onde apresento, de modo geral, as várias etapas que compõem a metodologia em questão, a saber:

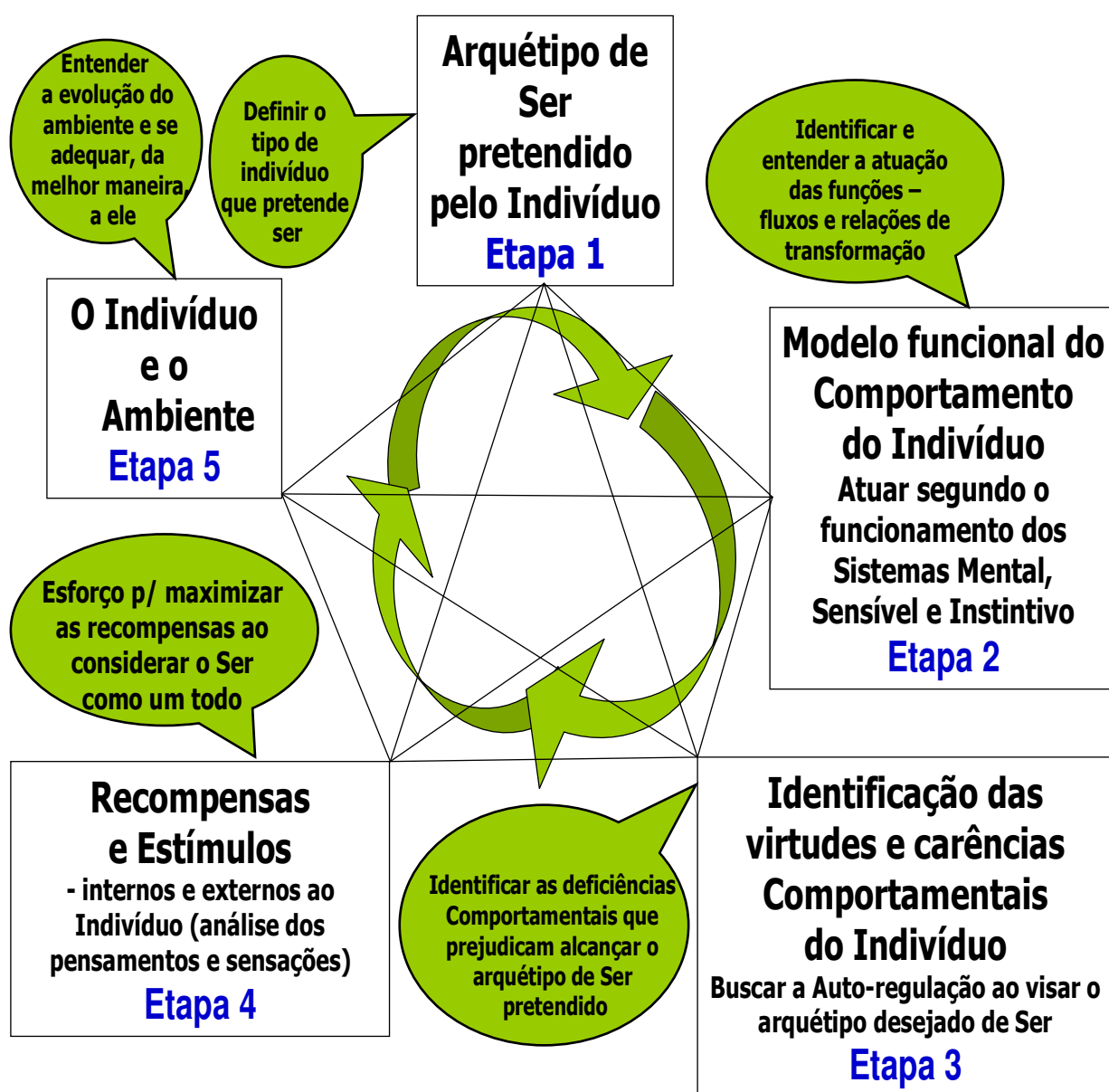


Figura 15: Metodologia Visando a Utilização do Modelo

Como já assinalado anteriormente, o objetivo básico do Modelo é que ele seja uma ferramenta de ajuda, a ser aplicada pelos indivíduos, visando entender as relações comportamentais entre eles e, bem como, a do próprio indivíduo. Para tal, parte do princípio que as ações relativas ao comportamento são semelhantes em todas as

peças (deixando de lado patologias sérias), no que diz respeito às causas que as deflagram. Assim, o indivíduo ao entender as causas de suas ações e reações passa, também, a entender as dos Seres com quem ele se relaciona (mais uma vez, deixando de lado patologias sérias).

Outro objetivo do Modelo é ajudar o indivíduo em seu processo de fortalecimento pessoal, via o entendimento de como se produzem as suas ações e reações comportamentais, visando, com isso, poder se desenvolver como indivíduo que possui vontade e decisões próprias, com capacidade de trabalhar e viver em conjunto com outros indivíduos, se assim o desejar. Este tipo de pessoa, com esta visão, irá se permitir mais facilmente produzir ideias e inovações, via liberdade de pensar e criar, de modo consciente.

Segundo o desenho abordando a Metodologia de utilização do Modelo, o processo se inicia por meio da definição, pelo indivíduo, do arquétipo de Ser que pretende, para si, como pessoa (Etapa 1).

Uma vez definido para si o seu arquétipo, o próximo passo será atuar, conscientemente, visando alcançar o pretendido para si, de acordo com o funcionamento dos seus Sistemas, que irão traçar o seu comportamento (Etapa 2).

Para atuar em conformidade com os seus valores, deve identificar as suas virtudes e carências comportamentais, que o permitem, ou não, atuar segundo o arquétipo desejado de Ser (Etapa 3).

As carências devem ser trabalhadas visando suas superações. Quando isto é feito, novos conhecimentos são agregados à vida do indivíduo, que, naturalmente, é induzido a rever o arquétipo de Ser pretendido para si.

O que sustenta este processo, de busca constante por adaptação e melhoria, são os estímulos e recompensas (Etapa 4) que o indivíduo afeita, ao tentar agir segundo o arquétipo pretendido. Estas recompensas e estímulos são obtidos e reforçados, conscientemente, ao se entender como se dá à relação do indivíduo com o ambiente que o circunda (Etapa 5).

Este é um contínuo processo, que deve ser conscientemente tratado e vivido, onde visa o indivíduo atuar segundo os seus valores, que são constantemente revistos e

enriquecidos por meio deste interativo trabalho. Depois de iniciado, observa-se que todas as atividades se conectam entre si, pois para a devida aplicação de cada uma, é necessária a sua integração com as demais (abordagem sistêmica).

Visando melhor entender este processo dinâmico, de constante mudança e adaptação, irei abordar, nos tópicos seguintes, individualmente cada uma das etapas constituintes do Método.

2.1. Arquétipo de Ser Pretendido pelo Indivíduo – Etapa 1

“Muitas vezes passamos tanto tempo tentando resolver os problemas ao longo do caminho que esquecemos os motivos pelos quais estamos naquele caminho. O resultado é que temos uma visão vaga, imprecisa até, do que realmente é importante para nós.”. (SENGE, 2005).

SENGE (2005), nesta referência anterior, nos chama atenção para a necessidade, que se tem, em atuar com uma visão abrangente, em relação ao que se deseja realizar, e não, apenas, ficar se atendo e focando em partes, nos detalhes, sem observar o conjunto, que compõe o alvo pretendido. Esta é a intenção desta primeira Etapa do procedimento, que dá início aos processos que compõem as partes da Metodologia.

A Figura 16, a seguir, apresenta uma sequência de atividades que compõe o trabalho a ser realizado pelo indivíduo visando definir o seu arquétipo pretendido de Ser, a saber:

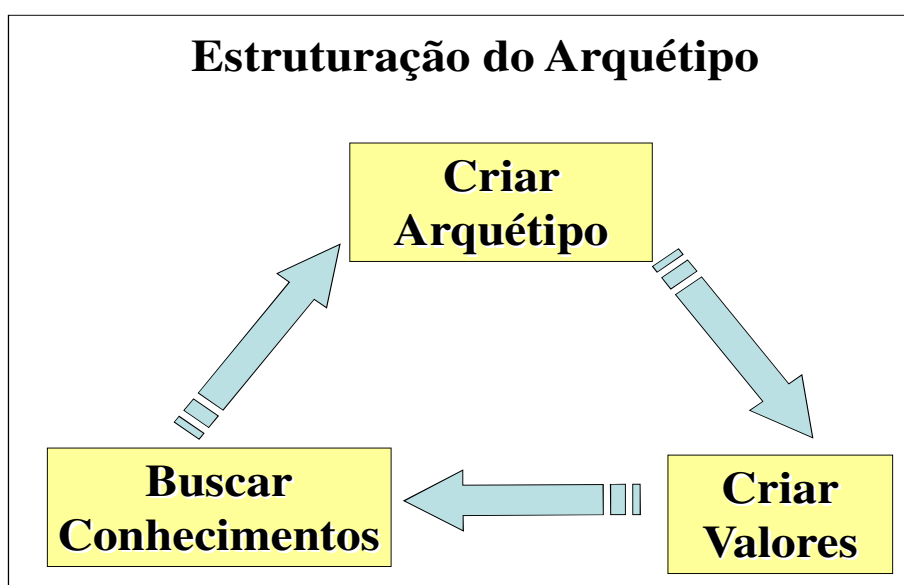


Figura 16: Etapa 1 - Arquétipo de Ser pretendido pelo Indivíduo

Cada indivíduo, ao formular a sua evolução, arquiteta o seu modelo ideal de ser. Esta visão é estruturada por meio de ideais gerados pelos conhecimentos existentes, que são trabalhados e organizados em sua própria mente.

Os valores pessoais (atributos que agregam qualidade ou significado as coisas, para o indivíduo) estabelecem ligações entre a concepção idealizada de ser e a realidade observada, imaginada e entendida no meio onde o indivíduo atua.

Os ideais fazem parte do arquétipo que cada um cria para si, como estímulo, visando alcançar aquilo a que se propõe.

Precisamos criar a “visão de indivíduo consciente”, para que seja possível a estruturação do “arquétipo” de ser pretendido. Este arquétipo acompanha a formação dos “valores” que irão refletir nos moldes mentais a serem criados e movimentados pelo indivíduo. Estes moldes direcionam e influenciam, por sua vez, o entendimento e a percepção da realidade que o indivíduo está vivendo ou que pretende criar para si.

O indivíduo em seu processo de criação de valores (ver item 1.2. Valor Humano Consciente na publicação “Ambientes que geram inovações - O indivíduo e suas relações – Parte 2”) busca novos conhecimentos que, por sua vez, influencia em seus valores e na formação do arquétipo pretendido. Assim, é criado um processo contínuo de transformação e adaptação do indivíduo, no que diz respeito à formação de seu arquétipo desejado, o qual pretende atuar de modo consciente.

Para formar o arquétipo conscientemente pretendido, o indivíduo necessita, primeiramente, criar visões relativas à sua vida, as quais considera como importantes para si, onde nelas projeta suas diversas atuações comportamentais, formando relações, cunhando e moldando, assim, o seu arquétipo desejado.

Como ilustração, considerando o ambiente de trabalho e vida, abordado nesta pesquisa, vou traçar três quadros, exemplo, possíveis a serem trabalhados e desejados pelo indivíduo, relacionando atuações comportamentais ambicionadas, no sentido de arquitetar a figura pretendida de ser (coloquei no exemplo o linguajar na 1ª pessoa), a saber:

1) Segundo a visão profissional:

Ser mais:

- atento, interessado e participativo, no que está ocorrendo em minha volta, de modo tornar mais produtivo e integrado o trabalho em equipe, no qual participo;
- consciente ao atuar no trabalho tipo equipe-rede, procurando saber quando devo coordenar ou ser coordenado e, com isto, obter decisões mais “equilibradas, rápidas e acertadas”;
- capaz de entender como se forma o conhecimento tácito e participar da produção e absorção do conhecimento explícito via a rede/comunidade (NONAKA, TAKEUCHI, 1997);
- capaz de “aprender a aprender” e, assim, aumentar os conhecimentos tácitos por meio das relações com o ambiente;
- empático e cooperativo, porém sendo indivíduo, livre para pensar, sentir e inovar e, assim, aumentar a objetividade e velocidade nas inovações em processos e produtos, nos projetos onde participo;
- apto para tratar problemas inter-pessoais e da equipe, de modo a vir melhorar o desempenho e a qualidade das operações;
- capaz de avaliar situações de conflito e/ou de dificuldade, planejando e atuando com atitudes adequadas, de modo a tirar proveito e criar em condições de situações adversas;
- equilibrado nas ações, enfrentando as ansiedades e buscando alternativas conscientes, de modo a poder criar ambientes propícios para que os trabalhos se desenvolvam produtivamente;
- paciente e tolerante nas relações, procurando melhor saber ouvir e falar;
- capaz de criar confiança interna e estímulos, de modo a fortalecer a vontade, visando a realização de propósitos conscientemente definidos;
- atento às próprias emoções e, bem como, a dos demais, de modo a procurar identificar aquelas que prejudicam e/ou ajudam nas relações;
- disciplinado e ordenado, no trato com os compromissos, procurando melhor saber utilizar as metodologias e ferramentas disponíveis para cada tipo de trabalho;
- capaz de participar e influenciar, conscientemente, a evolução dos fatos e, com isto, aumentar a capacidade de colaboração dos membros da equipe;
- ...

2) Segundo a visão social:

Ser mais:

- atento, interessado e participativo, no que está ocorrendo em minha volta, de modo a participar de trabalhos/projetos onde as partes componentes (pessoas e/ou empresas) se complementam (atuação organizada em rede);
- empático e cooperativo, de modo poder atuar adequadamente em organização de trabalho por projeto/forças-tarefa temporária, focado em oportunidades e organizado em modalidade de rede, utilizando ferramentas de apoio (sistemas de informação e facilidades de comunicação), permitindo a desconexão de tempo (horário flexível) e espaço (trabalho e intercâmbio a distância);
- consciente, ao atuar neste tipo de organização de trabalho, ao procurar entender quando deve, de modo flexível, coordenar ou ser coordenado e, com isto, obter melhores resultados (criar relações, do tipo complementação, onde todas as partes se beneficiam com o resultado obtido);
- consciente dos melhoramentos advindos do trabalho estruturado por projeto, organizado em rede, onde se reúne competências (indivíduos e empresas de diferentes portes e capacidades) que objetivam o sucesso final do trabalho, pois todos irão ser favorecidos com o seu bom resultado (o conhecimento individual será enriquecido pela atuação colaborativa e as partes irão compartilhar os seus bens físicos. Os “nós” da rede irão dispor/ganhar recursos que não possuem ao atuar isoladamente, criando uma “organização virtual” e decidindo se devem ou não participar dela);
- sociável, comunicativo e mais ouvinte, sabendo que as “novas ideias” (inovações) surgem de modo aleatório e não em “hora marcada”, em “reunião”;
- indivíduo, livre para pensar, sentir e inovar, buscando construir uma ética que leve ao maior equilíbrio e harmonia, em ambiente que seja propício para o desenvolvimento das relações;
- atento às próprias emoções e, bem como, a dos demais, de modo a procurar identificar aquelas que prejudicam e/ou ajudam na integração social;
- capaz de entender os movimentos de cooperação e competição e, bem como, os conflitos advindos destes movimentos, tornando-se apto para tratar os problemas inter-pessoais ao atuar com maior paciência e tolerância no que diz respeito a estas relações;
- disciplinado e ordenado no trato com os compromissos;

- capaz de participar e influenciar, conscientemente, a evolução dos fatos e, com isto, aumentar a capacidade de colaboração dos indivíduos na comunidade;
- ...

3) Segundo a visão individual:

Ser mais:

- consciente do que está ocorrendo em meu mundo interno e em minha volta;
- consciente, atento, observador, reflexivo e participativo em relação a vida e, atuando equilibradamente com o pensar e sentir, buscando ser feliz;
- capaz de conhecer os meus movimentos mentais e sensíveis (conhecimento de mim mesmo), estando atento aos meus pensamentos e sensações, de modo que sejam apropriados as minhas atitudes, sendo um indivíduo livre para pensar, sentir e inovar;
- sensível e com controle sobre meus impulsos comportamentais, estando consciente de quando eles podem se manifestar;
- conhecedor e atento às minhas emoções, sentimentos e dificuldades temperamentais, de modo a procurar identificar aquelas que prejudicam e as que ajudam em minhas relações;
- reflexivo antes de agir, buscando entender e atuar segundo as complexas “leis” (relações de causa/efeito e possíveis correlações), sociais e comportamentais, que regem os relacionamentos entre os indivíduos;
- paciente e tolerante nas relações;
- atento e interessado nos fatos que me cercam;
- disciplinado e ordenado ao tratar com os conhecimentos já existentes;
- sociável, comunicativo, cooperativo e mais ouvinte;
- positivo, dedicado, motivado e com vontade de atuar;
- capaz de “aprender a aprender” e, conseqüentemente, modificar meu estilo de vida;
- equilibrado nas atitudes, enfrentando ansiedades, buscando alternativas conscientes e com condições de definir que tipo de indivíduo que pretendo ser ao traçar, para mim, um conjunto de normas de ação e valores, ou melhor, com quais tipos de ação e de conhecimentos que pretendo atuar e/ou adquirir para pautar os meus atos ao longo da vida;
- capaz de participar e influenciar, conscientemente, na evolução dos fatos;
- apto para tratar problemas inter-pessoais e de grupo;

- capaz de avaliar situações de conflito e planejar ações adequadas;
- ...

A relação apresentada, com as três visões, é apenas um exemplo (talvez, para uns, são visões muito exigentes e detalhadas, para outros, visões não adequadas pelo aspecto por demais “profissionalizante”...).

Na realidade, o Método apresentado propõe que cada indivíduo deve traçar para si, o que pretende ser e fazer como pessoa. Com esta proposta, procurar acompanhar a sua evolução, adotando o que for possível e modificando o necessário, ao longo de sua aplicação e existência.

2.2. Modelo Funcional do Comportamento do Indivíduo – Etapa 2

“Se o homem tivesse presente em todos os momentos de sua vida que seus pensamentos, palavras e atos o ligam a seu semelhante, e também a seu passado e a seu futuro, facilmente compreenderia que nele está forjar sua felicidade, ou sua desventura. Certamente, não é tarefa fácil a do aperfeiçoamento de suas humanas qualidades, porém esta fica amplamente compensada com o bem com que favorece tal realização.”. (PECOTCHE, 1951).

PECOTCHE (1951), neste referido texto, chama atenção para a importância de se entender que somos, de um modo geral, os responsáveis pela nossa herança de relações, ou melhor, o que recebemos no momento, como fruto das relações, é reflexo de nossas ações no presente instante e, tanto quanto, dos anteriores. Também, estas ações irão ter reflexos em nosso futuro de vida. O ato de atenção, ao observar o reflexo das ações, é extremamente importante, pois as suas qualidades e carências (das ações) devem ser conscientemente trabalhadas e estudadas, se quisermos alcançar o arquétipo desejado de Ser. Este alerta se enquadra perfeitamente na aplicação do Modelo de comportamento, apresentado nas publicações “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 1”/“Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 2”/“Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 3”, e cuja utilização está em foco neste tópico.

A atenção que devemos dirigir, visando observar e analisar as nossas ações, originadas pelos nossos movimentos mentais e sensíveis, é de fundamental importância, se quisermos alcançar o arquétipo comportamental pretendido.

Assim, desenhei a Figura 17, a seguir, onde a Etapa 2 do Método representa o indivíduo, atuando por meio do entendimento de suas ações, relativas a aplicação do seu Sistema Comportamental (Sistemas Mental, Sensível e Instintivo – descritos nas referidas anteriores publicações), que busca alcançar, com o seu consciente comportamento, o modelo de ação e vida concebido para si.

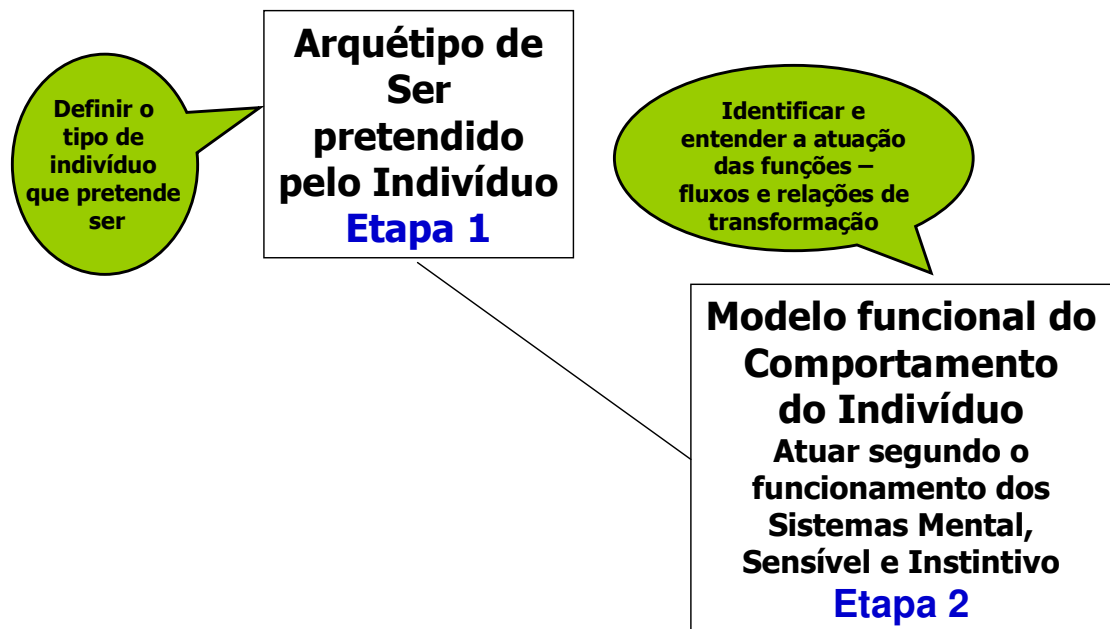


Figura 17: Metodologia Visando a Utilização do Modelo Funcional do Comportamento do Indivíduo - Etapa 2

2.3. Identificação das Virtudes e Carências Comportamentais do Indivíduo – Etapa 3

“De modo, pois, que o estudo dos pensamentos, com sua classificação e seleção, constitui uma primordial necessidade humana. É imprescindível saber quais pensamentos há dentro da mente, afastar sem demora aqueles cuja influência se mostra inútil ou prejudicial, e cultivar os de índole sadia e

construtiva. Assim começa a verdadeira arte de forjar uma nova individualidade.”. (PECOTCHE, 1980).

PECOTCHE (1980), nesta anterior referência, mais uma vez chama atenção sobre a importância da observação, estudo e análise, em relação à influência e atuação dos pensamentos presentes na mente, no sentido do trabalho mental, consciente, que deve ser realizado ao se objetivar o alcance de algo desejado.

Apresentei esta referência, pois ela se enquadra no escopo deste tópico, devido ao fato de se quisermos alcançar o arquétipo idealizado de indivíduo, precisamos, conscientemente, identificar e trabalhar aqueles pensamentos e sensações que conspiram contra o objetivo de conseguir o que se propõe. Esta atuação se faz, de modo a enfraquecer as influências dos pensamentos e sensações que não contribuem para o que se pretende, e assim, de preferência, devemos torná-los inoperantes.

Visando representar a continuidade da sequência das Etapas dos processos da Metodologia proposta, desenhei a figura a seguir.

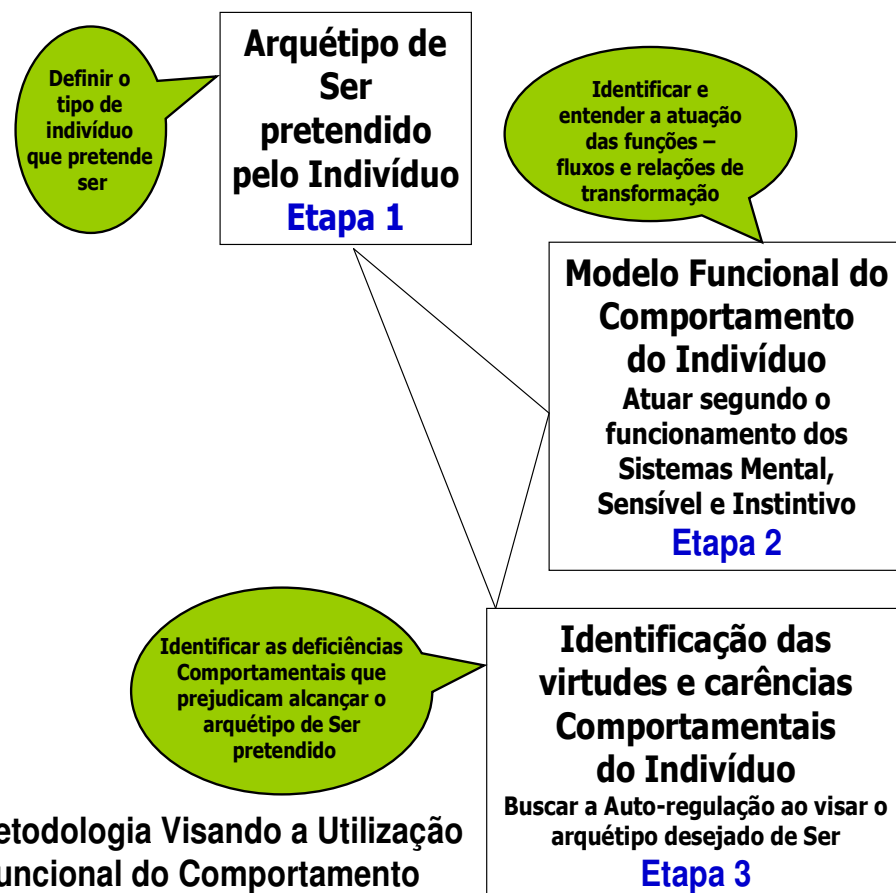


Figura 18: Metodologia Visando a Utilização do Modelo Funcional do Comportamento do Indivíduo - Etapa 3

Nas anteriores referidas publicações, quando foi exposto o Modelo representando o Sistema Comportamental, foi apresentada e conceituada a variável “pensamento”. Ela foi identificada como tendo origem na própria mente do indivíduo ou externamente a ela. Caso venha a se originar na própria mente, este nascimento pode ser consciente ou não. Vindo de fora, esta procedência se faz por meio da Função Observar, pertencente ao Sistema Mental, que atua sob o controle da razão (Função Razoar).

Os pensamentos se exteriorizam e se manifestam por meio de nossas ações, gestos, fisionomias, fala e, também, em nossa parte biológica (provocando sensações boas ou ruins), tanto quanto na psíquica (produzindo diferentes estados de ânimo como alegria, tristeza, medo, etc).

A atenção em nossos estados internos de ânimo é essencial se desejarmos flagrar a atuação dos pensamentos e impulsos. Assim, sabendo da importância destas atuações em nossa existência e que as mesmas podem ser geradas via a nossa vontade, portanto, precisamos criar condições para que esta vontade atue. Para tal, uma destas possíveis maneiras é criando ambiente mental adequado, como impedindo a atuação daqueles pensamentos ou impulsos que não venham a contribuir para o que se almeja, e favorecendo aqueles ditos “saudáveis”. Um recurso utilizado, para manter este “favorecimento”, pode ser por meio da recordação constante das causas que deram origem a estes movimentos, ditos “positivos”, pois eles estão de acordo com o que se pretende como existência.

Após esta breve recordação da influência dos pensamentos e sensações, sobre o comportamento do indivíduo, volto à atuação desta Etapa do Método.

Seguindo as Etapas do Método, uma vez que o indivíduo já definiu o seu Arquétipo pretendido de Ser (Etapa 1), todo esforço deverá realizar no sentido de atender a este desejo.

O indivíduo deve ficar atento as suas manifestações comportamentais, visando identificar aqueles momentos onde a sua atuação não condiz com o que ele deseja para si. Isto se obtém, via atenção, observação e compreensão, ao se analisar e entender como se dá o funcionamento de seu Sistema Comportamental (Etapa 2) e, bem como, as suas conseqüentes manifestações (Etapa 3).

Ao identificar o comportamento, ou manifestação interna, que não esteja de acordo com o pretendido pelo indivíduo, ele deve analisar quais pensamentos ou sensações, que foram os responsáveis por esta manifestação.

PECOTCHE (1962) realiza um amplo exame e estudo abordando as manifestações dos pensamentos, os quais podem induzir o indivíduo a realizar ações que, após sua análise, verifica não estar de acordo com a atitude realizada ou pretendida para si.

Neste livro (PECOTCHE, 1962), o autor relaciona uma série de manifestações de pensamentos, denominando-os e analisando-os e, posteriormente, sugerindo atitudes com objetivo de neutralizar os seus efeitos indesejados.

Como exemplo listo a relação de alguns, a saber:

- Falta de Vontade;
- Impulsividade;
- Susceptibilidade;
- Indiscrição;
- Indolência;
- Inibição;
- Impaciência;
- Intrusão;
- Verbosidade;
- Brusquidão;
- Indiferença;
- Intolerância;
- Teimosia;
- Rigidez;
- Petulância;
- Hipocrisia;
- Etc...

Uma vez o indivíduo tendo identificado a causa, ou a principal causa (pois podem existir várias), inicia-se o trabalho mental e sensível visando eliminar (Etapa 4), ou diminuir, a atuação deste elemento causador, que provocou e provoca o desequilíbrio associado.

A exposição do Tópico “1. Casos Hipotéticos Abordando Manifestações do Sistema Comportamental” na publicação “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 3”, com a sua relação das “carências comportamentais”, ajuda a ilustrar o descrito nas linhas anteriores.

2.4. Recompensas e Estímulos – Etapa 4

*“... aprender continuamente como ver a realidade atual com mais clareza ...
“aprender” não significa adquirir mais informações, mas sim expandir a capacidade de produzir resultados que realmente queremos na vida.”.*
(SENGE, 2005).

SENGE (2005), nesta referência, uma vez mais chama atenção da importância de se aplicar a visão sistêmica, objetivando alcançar o que se pretende, sem deixar se perder, ao longo dos vários caminhos que se apresentam e formam, durante o percurso da trajetória para se chegar ao destino final.

Visando dar continuidade a sequência das Etapas, referentes aos processos da metodologia, segue a Figura 19, a saber:

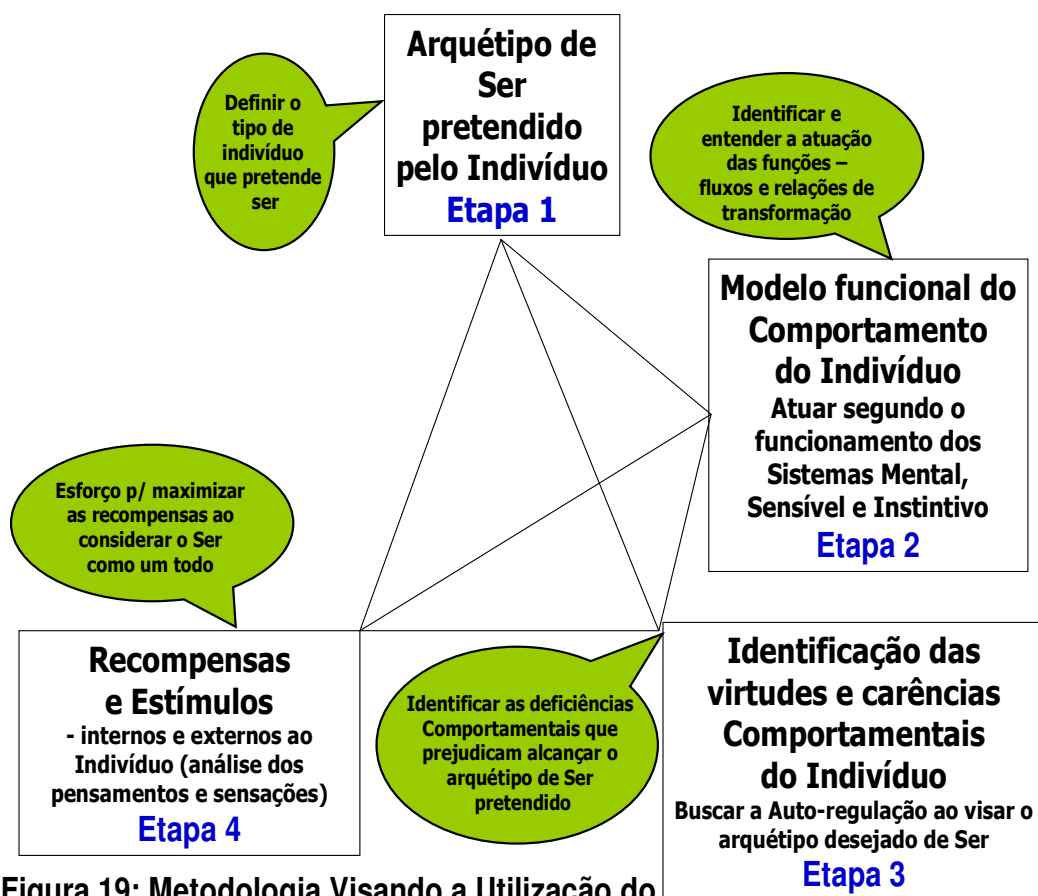


Figura 19: Metodologia Visando a Utilização do Modelo Funcional do Comportamento do Indivíduo - Etapa 4

Ao longo da realização do processo da Etapa 3, anterior, ao considerar a “visão do arquétipo pretendido de ser” e ao se atentar para as correspondentes manifestações dos pensamentos e sensações referentes ao comportamento do indivíduo, procura-se identificar as principais carências e virtudes comportamentais que atuam no Ser, de modo a vir dificultar ou ajudar alcançar o arquétipo pretendido.

Ao serem identificadas as principais deficiências e virtudes, que atuam contra ou a favor da arquitetura referente ao perfil de Ser desejado, resta trabalhar as manifestações favoráveis (positivas) e atuar reduzindo as negativas, de modo que sejam ampliados os estímulos e as recompensas obtidas com a satisfação ao atingir a meta colocada.

Entre os trabalhos a serem realizados estão o de se criar e buscar as ditas “defesas mentais”, que são ações executadas por meio da aplicação de pensamentos específicos que irão atuar na mente do indivíduo. Estes pensamentos são produzidos após se analisar (por meio da utilização das diversas Funções componentes do Sistema Comportamental – Etapa 2 do Método) o que se perde ou se beneficia por atuar em desacordo ou em conformidade com o arquétipo pretendido de ser (Etapa 4 do Método). No tópico “1.3. Alguns fatores que podem levar ao desequilíbrio nas relações” da publicação “Ambientes que geram inovações - O indivíduo e suas relações – Parte 2” abordo uma lista de alguns tipos de comportamento que podem levar ao desequilíbrio entre as afinidades das pessoas. Estes comportamentos nada mais são que demonstrações de pensamentos e sensações, as quais devem ser analisadas visando identificar as recompensas que se obtém ao se conter estas manifestações, que, ao se apresentarem, geram conflitos e a falta de cooperação entre os indivíduos.

2.5. O Indivíduo e o Ambiente – Etapa 5

“... aprender a perceber e trabalhar com as forças da mudança, em vez de resistir a elas... Ver a realidade de forma cada vez mais precisa.

Para a maioria de nós as estruturas dentro das quais operamos são invisíveis. Não somos vítimas nem culpados, apenas seres humanos controlados por forças que ainda não aprendemos a perceber.” (SENGE, 2005).

SENGE (2005), na referência anterior, alerta para a importância de se tentar aprender e perceber a atuação das “forças da mudança”, trabalhando com elas, de modo a ver a realidade de forma “cada vez mais precisa”...

Dando continuidade a sequência das Etapas, referentes aos processos da Metodologia proposta, segue a Figura 20, a saber:

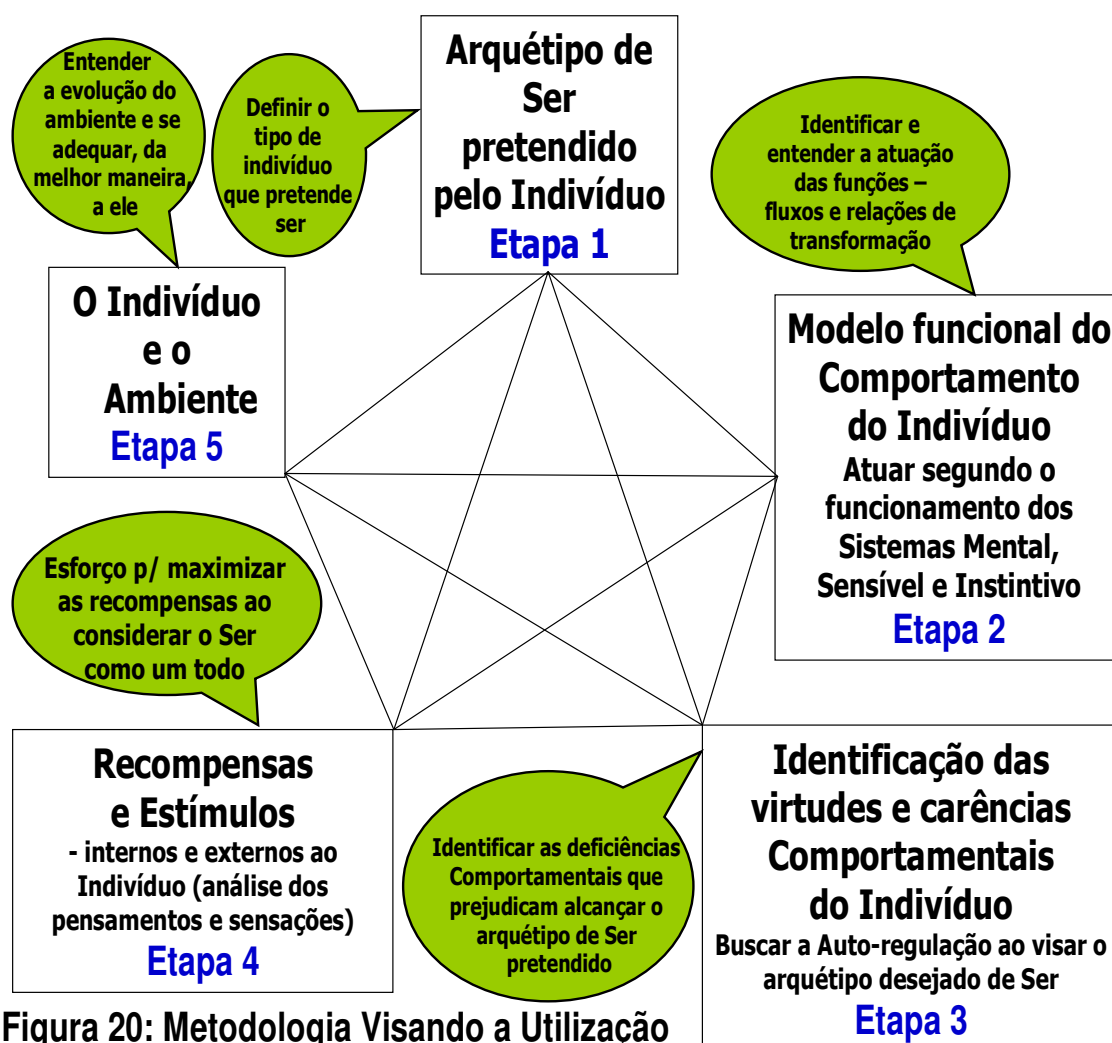


Figura 20: Metodologia Visando a Utilização do Modelo Funcional do Comportamento do Indivíduo - Etapa 5

O objetivo desta Etapa, justamente, é tentar entender e identificar a atuação e o efeito destas forças, indicadas por SENGÉ (2005) na referência introdutória deste tópico, ao considerar o mundo das relações do indivíduo. É procurar encontrar alguns padrões de comportamento, com as suas correspondentes relações sistêmicas de causa e efeito, ao considerar contextos culturais específicos, que atuam e influenciam nas relações, e agir de modo compatível com eles, depois de adequada análise, objetivando alcançar a visão do “arquétipo pretendido de Ser”. Ou seja, perceber a existência das causas, ou buscar correlações, das forças que moldam as correspondentes relações. Procurar traçar algumas leis que correlacionem às relações

comportamentais, as quais poderão colaborar para a formação do Arquétipo pretendido de ser.

PINKER (2008) faz diversas referências e indicações a relações de causalidade que, certamente, podem ajudar no processo de entendimento e trabalho deste tópico, a saber:

“Para os seres humanos, algumas coisas simplesmente acontecem, e outras são provocadas. A causalidade é avaliada não apenas pela correlação das coisas ao longo do tempo, ou pela ponderação sobre o que teria acontecido se as coisas tivessem sido diferentes, mas pela percepção de um impulso que é transferido de um agente potente, que tenha tendência para o movimento, para uma entidade mais fraca, que tenda a ficar parada. As variações nessa dinâmica de empurrar e resistir dão origem às intuições sobre ajudar, atrapalhar, impedir e permitir.

Nossa noção de causalidade, observou Hume, é “o cimento do universo”. Enquanto vivemos nosso dia-a-dia apelamos o tempo todo a nossas intuições causais para entender o que está acontecendo no mundo e como devemos lidar com aquilo (as janelas estão molhadas, portanto deve ter chovido; se eu usar uma capa de chuva, minhas roupas vão permanecer secas). Quando essas intuições falham, sabemos que estamos sonhando, ou nos projetamos para o País das Maravilhas ou algum outro produto da imaginação. Encaramos a ciência como uma versão mais pura e determinada de nossa busca por causas – como melhor maneira de identificar o que causou um terremoto, ou a organização do sistema solar, ou o surgimento da própria espécie humana. É desconcertante, por isso, descobrir que, sob uma inspeção mais detida, esse cimento é tão pouco sólido quanto o que usaram nos túneis de Boston. Quanto mais se investiga a causalidade, menos sentido ela faz, e alguns filósofos já sugeriram que a ciência deveria simplesmente desistir dela. Ao mesmo tempo, a causalidade está profundamente entranhada em nossa linguagem e em nosso pensamento, incluindo nosso senso de moral, e não há relato das dificuldades humanas que consiga fugir da reflexão sobre como nossas intuições causais estão relacionadas à textura causal do universo.

Nossas intuições causais são uma parte útil de nossa psicologia, mesmo que não cheguem a nos garantir certezas. A dubiedade surge do triste fato de que nossas intuições causais, lá no fundo, não passam de expectativas marcadas pela experiência, e essas expectativas só são satisfeitas se o universo obedecer a leis, uma hipótese brutal que não conseguimos provar.

De alguma maneira, as pessoas distinguem apenas uma das condições necessárias para um acontecimento como sua causa e as outras como meras possibilidades ou contribuidoras, embora todas sejam igualmente necessárias. A diferença não está na cadeia de acontecimentos físicos nem nas leis que eles seguem, mas numa comparação implícita com determinadas situações outras (mundos possíveis semelhantes, por assim dizer) que mantemos guardadas em nossa cabeça como alternativas razoáveis ao status quo.

... nossas intuições de causa e efeito não passam de uma expectativa de que, se uma coisa aconteceu depois da outra muitas vezes no passado, vai continuar fazendo isso no futuro... As pessoas entendem (mesmo que nem sempre apliquem) o princípio de que correlação não implica causação. O cocoricó do galo não faz o sol nascer, o trovão não provoca incêndios florestais, e as luzinhas piscando na impressora não a fazem cuspir um documento.”

PECOTCHE (1968) se refere à origem das leis ligadas à ciência da seguinte forma: *“As leis sobre as quais a ciência oficial fundamenta suas investigações e descobrimentos surgiram da necessidade de ordenar o que concerne ao comportamento da atividade material ou física do organismo biológico humano e dos processos de toda espécie compreendidos na natureza, sujeitos a comprovação...”*. Mais adiante, se refere ao que chama de leis universais, incluindo aí as relações humanas, do seguinte modo: *“Tais leis estabelecem uma nova relação de causas e efeitos, que permitem compreender sem dificuldades o amplo panorama da existência humana, ao mesmo tempo que orientam e prescrevem normas de conduta para percorrer as sucessivas etapas do aperfeiçoamento.”*. Este autor, em vários de seus livros, faz referência a uma série de leis as quais vai denominando e conceituando ao longo dos textos que apresenta.

Entre as várias leis conceituadas listo algumas, segundo ele as nomeou, como as de correspondência, gratidão, reciprocidade, herança, igualdade, entre outras...

Em linhas gerais, estas leis foram conceituadas do seguinte modo:

- Lei de correspondência: esta lei está ligada ao bem recebido pelo indivíduo.

Refere-se que o bem recebido deve ser transferido, não interrompendo este processo, de realizar o bem, pelo indivíduo que o recebeu, mas transmitindo-o para outros semelhantes.

A analogia é com uma corrente de elos, onde cada elo (um bem) se liga a outro elo (a outro bem), com isto vai se formando uma extensa corrente aonde a espécie vai se organizando.

- Lei de gratidão: esta lei está ligada ao recebimento de um bem pelo indivíduo.

Refere-se que o indivíduo não deve esquecer o bem recebido e quem o fez, sendo grato a este movimento realizado.

- Lei de reciprocidade: esta lei está, também, ligada ao recebimento de um bem.

Todo bem recebido deve ser retribuído com um outro bem, em relação a quem o forneceu.

- Lei de herança: esta lei está ligada ao que o indivíduo recebe. Refere-se que a herança do indivíduo é fruto de suas ações.

COVEY (2004) se refere aos padrões de comportamento como lei natural e, no prefácio do livro em referência, assim ele o faz: *“Um dos ensinamentos mais profundos que aprendi na vida foi o seguinte: se você quiser alcançar as suas maiores aspirações e superar os seus maiores desafios, identifique e aplique o princípio ou a lei natural que governa os resultados que você procura.”*. E logo à frente complementa: *“o sucesso em qualquer empreendimento sempre resulta do fato de agirmos em harmonia com os princípios aos quais o sucesso está vinculado.”*.

Assim, a ideia, desta Etapa 5 do Método, é possibilitar ao indivíduo criar conhecimentos, por meio de busca de padrões de comportamento, de modo a poder correlacionar as ações com os correspondentes resultados esperados e obtidos, ao analisar um contexto de relações onde procura identificar as possíveis forças dominantes e atuar, segundo o conhecimento de suas ações, possibilitando se resguardar daquelas que sejam contra ao que aspira e reforçar as que o apoiam.

Quanto mais conhecimentos conseguir acumular, ao melhor entender ou correlacionar às forças que se aplicam e operam, para fazer acontecer as relações entre os indivíduos, certamente, que será mais fácil atingir, conscientemente, o arquétipo de Ser pretendido e direcionar as suas ações para obtenção do ambiente de vida desejado para si.

3. Consolidando o Entendimento da Aplicação do Modelo e da Metodologia

“O homem reflexivo rara vez se deixa levar por seus pensamentos, e até nos momentos mais críticos costuma amparar-se na serenidade para não atuar sob qualquer impulso, ou seja, sob sugestão de nenhum pensamento ao qual não haja concedido, por íntima relação com ele, sua confiança e seu prévio consentimento como solução .”. (PECOTCHE, 1957).

No texto acima, PECOTCHE (1957) nos chama atenção para a grande importância em estarmos alertas e atentos às diversas manifestações mentais e impulsivas, de modo a que não sejamos enganados por estas, as quais podem nos levar a estados de ânimo (descontentamento, tensão, raiva, tristeza, etc) que nos induzem a atitudes que, posteriormente, não concordamos com a postura por nós assumida.

Visando ficar claro o alvo para o qual se destinou esta pesquisa, volto a repetir que o objetivo do Modelo desenvolvido nas publicações “Modelando o comportamento do

indivíduo – Parte 1”, “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 2” e “Modelando o comportamento do indivíduo – Parte 3” e, bem como, do Método para aplicá-lo, agora apresentado, é, justamente, que este conjunto seja uma ferramenta para auxiliar o indivíduo no entendimento dos processos que envolvem as suas relações e, bem como, venha ajudá-lo na busca para desenvolver uma vida de existência consciente em conformidade com o que propõe para si. Neste caso a Metodologia – com o Modelo que dela faz parte – está sendo dirigida para o uso pessoal do indivíduo.

No caso da aplicação desta ferramenta para a área de Gestão – Metodologia com o Modelo que dela faz parte –, ou seja, utilizá-la direcionada para melhor gerir os indivíduos pertencentes a uma equipe de trabalho, o processo para sua aplicação é exatamente o mesmo, pois parto do princípio que nós, indivíduos, somos pessoas com comportamentos semelhantes (não estou considerando os casos de seres possuidores de patologia grave que os levam adotar atitudes reconhecidamente como “fora do normal”) e, assim, ao melhor entender e aplicar os correspondentes conhecimentos voltando-os para a própria existência, pode-se fazer, do mesmo modo, para aqueles com quem nós nos relacionamos, evidentemente procurando perceber as particularidades para quem a mesma (ferramenta) está focando.

É necessário aprender entender as diversas manifestações que ocorrem em nós e, bem como, em nossos semelhantes para que, com este entendimento, seja possível e mais fácil o desenvolvimento de uma existência e história de relações, mais amena e proveitosa para todos.

Devido ao não entendimento de como se desenvolvem os processos de relacionamentos entre os seres e, bem como, a formação de seus conhecimentos, cada indivíduo normalmente espera receber muito das outras pessoas, pois valoriza bastante o que dá, ao considerar estes processos de troca. Esta visão, irreal e desequilibrada, faz os seres perderem muitas das suas relações e amizades, vindo a prejudicar a formação e criação dos seus conhecimentos e, bem como, a realização de seus projetos e tendo, como consequência, a sua evolução de vida se fazendo de modo não desejado.

No ambiente clássico e tradicional de trabalho existe, hoje, uma profunda insatisfação com o estilo de relação centrada na competição, estando presentes “valores” onde a moral usada é muito questionada, pois em nome da produtividade, aplica-se o individualismo egoísta que é intenso e destrutivo. Estão sendo buscadas relações

conscientes com mais cooperação, ao visar à troca e a criação de conhecimentos com inovações incluindo, aí, melhores e maiores afinidades entre os indivíduos...

É válido registrar que o assunto “cooperação em equipes de trabalho” é uma questão de bastante interesse, para o momento, e que tem envolvido pesquisas abrangendo a matéria.

Referências Bibliográficas

CHAVES, C. A. R., 2009, *Trabalhando e Inovando em Ambientes Complexos*, Tese de D.Sc., COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

COVEY, S. R., 2004, *Os 7 Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes*. 35 ed. Rio de Janeiro, Editora Best Seller Ltda.

NONAKA, I., TAKEUCHI, H., 1997, *Criação de Conhecimento na empresa*. 1 ed. Rio de Janeiro, Editora Campus.

PECOTCHE, C. B. G., 1951, *Introdução ao Conhecimento Logosófico*. 1 ed. São Paulo, Editora Logosófica.

PECOTCHE, C. B. G., 1957, *Logosofia Ciência e Método*. 6 ed. São Paulo, Editora Logosófica.

PECOTCHE, C. B. G., 1962, *Deficiências e Propensões do Ser Humano*. 9 ed. São Paulo, Editora Logosófica.

PECOTCHE, C. B. G., 1968, *O Espírito*. 5 ed. São Paulo, Editora Logosófica.

PECOTCHE, C. B. G., 1980, *Coletânea da Revista Logosofia Tomo 1*. 1 ed. São Paulo, Editora Logosófica.

PINKER, S., 2008, *Do que é feito o pensamento*. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras

SENGE, P. M., 2005, *A Quinta Disciplina*. 20 ed. Rio de Janeiro, Editora Best Seller.